

O PANO DE FUNDO DO SURGIMENTO DO ANARQUISMO CAPITALISMO, SOCIALISMO E AS ORIGENS DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES*

Marcelo de Marchi Mazzoni**

Resumo: Dividido em três partes, o presente artigo, é o resultado de uma profunda pesquisa sobre três problemas: o conceito e história do capitalismo, o surgimento e desenvolvimento do socialismo e, por fim, mas não menos importante, um estudo sobre as origens e o desenvolvimento do que denominamos de “internacionalismo operário”. As duas primeiras partes compreendem um debate, não repetitivo, mas, comum aos estudiosos da história e ciências sociais. Porém, a terceira parte, traz, para o público brasileiro, uma história muito viva e pouco conhecida de homens e mulheres que foram cunhando, a duras penas, uma ideia e um movimento que viria ter sua apoteose nas décadas de 1860 e 1870, por meio da: Associação Internacional dos Trabalhadores.

Palavras-chave: história do movimento operário, socialismo, Associação Internacional dos Trabalhadores.

INTRODUÇÃO

A leitura dos dois livros de referência que tomamos no primeiro capítulo, apontou para a mesma organização e consecutivamente para o mesmo tempo histórico como o momento e a situação que estão no plano de fundo do surgimento do anarquismo: a Associação Internacional dos Trabalhadores. Posto isso, para um estudo aprofundado do anarquismo e seu surgimento temos que realizar um estudo sobre a Internacional, quais eram as condições históricas e como surgiu a Associação Internacional dos Trabalhadores.

Para entender o que é a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) faremos uma explanação inicial sobre duas abordagens distintas do período anterior a fundação dessa organização: 1º o processo de revolução burguesa na Europa do século XIX – que possui uma relação dialética com o modo de produção; 2º a luta de classes e o surgimento das ideias socialistas. Feita a devida abordagem sobre a Associação, seu surgimento, sua composição, poderemos trabalhar nosso “corpus documental”. Isso possibilitará com que façamos a história das organizações e lutas operárias dos cantões de língua latina da Suíça, nas décadas

* Trabalho elaborado originalmente em formato de Monografia, como Trabalho de Conclusão de Curso de bacharelado em Ciências Sociais, FFC- Unesp de Marília, com a orientação cautelosa do professor Titular Marcos Tadeu Del Roio. Aqui, o trabalho foi desmembrado em três partes. Sendo dividido em: O ATUAL ANARQUISMO BRASILEIRO RESPONDE À PERGUNTA: Como surgiu o anarquismo?; O PANO DE FUNDO DO SURGIMENTO DO ANARQUISMO: capitalismo, socialismo e a Associação Internacional dos Trabalhadores; A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES: o surgimento do anarquismo. Que serão publicados consecutivamente

** Bacharel em Ciências Sociais, com ênfase em Ciência Política. Pesquisa PIBIC/CNPq, orientado pelo professor Marcos Tadeu Del Roio. Contato: anarcojo@gmail.com

de 1860 e 1870. Cujos quais têm uma intensa militância na AIT e no movimento operário da Europa. A produção de uma ideologia, que veremos, de caráter diferenciado das demais existentes, é também um dos pontos sobre os quais faremos um estudo.

O CAPITAL E A REVOLUÇÃO BURGUESA

O que é o capitalismo, o que é o capital? O que foi a revolução burguesa? Esses são algumas das problemáticas que tentaremos responder, com o aporte bibliográfico, nessa primeira sessão. A revolução burguesa é o processo de derrubada do chamado —*ancién regime*”, ou seja, do absolutismo e do feudalismo que era característico da Europa do século dezesesseis e dezessete. Essa revolução mudou o mundo, podemos citar como exemplo da grande mudança social que ocorreu aqui as ideias de expressas por Edgar de Decca em seu livro *O nascimento das Fábricas*⁷¹. Das estruturas econômicas – cujo marco histórico é a Revolução Industrial de 1780, que tem como vanguarda a economia inglesa-, as estruturas políticas, a célebre Revolução Francesa de 1789 é o divisor de água (HOBSBAWM, 2007), em que estreia o período de consolidação da sociedade burguesa na Europa.

Esse período, da luta entre a burguesia e a aristocracia, foi o que moldou as bases da nossa sociedade. Todo esse movimento é o processo revolucionário, ou seja, entre a derrubada da Bastilha e a hegemonia das classes burguesas frente tanto às antigas classes aristocráticas como as novas classes emergentes. Na medida em que foi se consolidando enquanto classe hegemônica, foi através, das características específicas de seu modo de produção, produziu as classes trabalhadoras. Em nossa chave analítica, a revolução burguesa em seu modelo clássico (o Francês) tem seu término no período de esmagamento das classes trabalhadoras – no massacre à Comuna de Paris de 1871. Portanto, o processo tem ao todo, 80 anos de duração. (GRAMSCI, 2002).

Devemos aqui realizar uma explicação sobre as especificidades econômicas do Capital (base do capitalismo), assim como explicar quais foram os caminhos de sua origem explicando a relação do modo de produção capitalista com seu antecessor. Assim, fica expresso o vínculo histórico do capital com a criação da burguesia e do novo mundo burguês.

Vamos, agora, por partes, examinado qual é o conteúdo de cada uma dessas partes

¹ Nesse trabalho, duas noções são analisadas por Decca historicamente, são as noções sócio-históricas de trabalho e tempo, ou seja, como cada de uma época para outra uma sociedade realizou uma inversão de sua compreensão do que era o trabalho e modificou completamente a relação do homem com o tempo. Assim, trabalho, que era compreendido como castigo e punição, tornou-se algo enobrecedor (*Arbeit Macht Frei*) e o tempo, que antes era o tempo das estações (vinculados ao modo de produção camponês e artesanal), tornou-se num processo de modificações de anos e anos, nos tempos de horas, minutos e segundos. O tempo tornou-se precioso, e a noção moderníssima pode ser resumida na expressão norte americana: *time is money* (DECCA, 1995).

que constituem a sociedade burguesa, sua economia, primeiro, depois, através de um resumo dos fatos históricos mostraremos o processo revolucionário de derrubada e combate ao “*ancién regime*” e o processo e mecanismo de estabelecimento do Estado e da sociedade burguesa.

Segundo a teoria de Karl Marx, esse debate tem sua centralidade, no que se refere ao modo de produção, ou seja, no que se refere à economia política, no que o autor define como “mais-valia” – que iremos explicar mais adiante – pois constitui o elemento central do processo de produção capitalista.

Marx, em seu livro o *Capital*, explica, nos primeiros capítulos, o que se constitui enquanto parte mais aparente na economia política capitalista: a mercadoria. Dissecando-a em seus dois componentes essenciais o valor-de-uso e o valor-de-troca. Valor-de-troca sendo o valor com o qual uma mercadoria poderá ser equiparada em termos quantitativos com qualquer outra, para a troca. Valor de uso é a parte referente à mercadoria e qual uso possível que ela tem. Assim um prato de comida tem uso mais direto para alimentação, a mercadoria dinheiro tem seu uso mais direto à troca.

A mercadoria, na teoria marxista, consecutivamente seus dois componentes, é produto do trabalho humano, ou seja, da aplicação da força de trabalho. E, apesar de ainda na parte superficial, Marx já nota que a realidade se tornará turva e que as mercadorias se apresentam como “ser”, não como coisa, objeto – o que são. A esse fenômeno Marx chamou de fetichismo da mercadoria.

O fetichismo da mercadoria é um fenômeno social que faz com que um objeto determinado tenha as denotações de seus valores adicionados pelo trabalho humano como fossem pertencentes e de mérito do próprio objeto, ou seja, atribui-se ao objeto as qualidades do ser. Por exemplo, o ouro é tomado como algo misticamente valioso, pelo fato do ouro ser ouro, ou mesmo, o dinheiro valer alguma coisa por ser aquele papel específico, ou algum doce, ou algum alimento que passou pelo trabalho humano, ter um incrível sabor como dado pelo fato de ser “doce”. O fetichismo da mercadoria é a reificação de todos os homens que trabalharam para tornar algo de determinado modo valioso, tanto pra troca como para o consumo. Pois, tanto os sabores de um alimento, quanto o valor do ouro, estão vinculados ao trabalho necessário para a sua produção.

Quais são os modos que pode realizar a produção de mercadorias, pergunta-se Marx em determinado momento do livro, ao se questionar qual é o modo de emprego da força de trabalho? Tendo noção de que as mercadorias são produzidas segundo o modo de produção da sociedade, e que a humanidade se organizou de vários modos distintos em sua história: tais

como o escravismo, o modo de produção asiático; Marx compreende a historicidade dos modos como o trabalho é organizado. Porém, o recorte de estudo de Marx se volta a Europa em sua história recente, portanto, não aborda as dinâmicas produtivas de vários modos distintos.

Marx define que o modo de produção tradicional é o modo de produção artesanal: modo de produção arcaico em que o artesão, tem a posse de seus instrumentos de trabalho e o controle sobre o processo produtivo². Em sua “oficina”, realizava seu trabalho, com ajudante de algum aprendiz, de tal modo, que ditava o ritmo de seu próprio trabalho e a produção de um objeto era responsabilidade das mãos de um só homem que se debruçava sobre todas as partes de um trabalho.

Acontece que ocorreu um longo processo de desmembramento desse modo artesanal de trabalho. Nas oficinas dos artesãos, o trabalho foi paulatinamente sendo modificado. O tempo foi modificado, impondo um ritmo de produção mais acelerado. Os antigos aprendizes, organizados em barracões, tornaram-se empregados e foi organizado de tal modo a cada um realizar uma parte do trabalho. Assim, antes o que o trabalho de um artesão demorava um mês para realizar, o trabalho parcelado de várias mãos articuladas, trabalhando ao mesmo tempo, fez com que se produzisse em um dia. A força do trabalho humano realizou um salto qualitativo que fez com que se desse o grande passo a produção em larga escala.

O modo de produção contemporâneo ao momento em que Marx escrevia era o modo de produção capitalista industrial monopolista, que iremos abordar um pouco mais adiante. Ocorre que, antes de aprofundarmos na produção industrial, o faremos um estudo sobre o desenvolvimento dos processos de troca das mercadorias ao longo do tempo. Os processos mais arcaicos de produção, sendo os mais antigos, são as trocas por escambo, que são representadas pela fórmula:

M-M

A fórmula em que *M* significa mercadoria e ela é voltada para troca direta com outro *M*, refere-se à troca de mercadoria por mercadoria. Isso remonta um momento bem anterior, pois aqui era a troca que visava unicamente a utilidade num modo de produção camponês-artesão – algo *y* era oferecido por um trocado que deseja um objeto *x* que iria lhe satisfazer de algum modo. A dificuldade referente à probabilidade de dois trocadores, que trocam objetos

². De Decca, como já citamos, explica que a noção de tempo do artesão era distinta da noção contemporânea. Produzia em sua própria velocidade, assim como realizava todas as partes da produção (DECCA, 1995).

distintos, terem um interesse que coadunasse fez com que esse modelo torna-se obsoleto.

Um segundo momento, pode ser expresso quando mercadorias tornaram-se objetos de troca geral: gado e sal foram usados desse modo. Porém, as dificuldades da troca de gado e sua característica indivisível e perecível e os problemas do manuseio do sal e sua também perecibilidade o tornaram um péssimo equivalente geral. Assim, os metais preciosos tornaram-se a mercadoria dinheiro por excelência: pela sua manipulação de corte e reunificação indefinidos, facilmente carregáveis e imperecíveis. Então, foi para que a troca necessidade de uma troca geral harmônica, que gerou o dinheiro.

Assim todo processo de troca deixou ser o modelo de escambo e se tornou a troca mediada pelo dinheiro, que pode ser expresso na seguinte fórmula:

M-D-M

Nesse momento, *M* – que ainda significa mercadoria – é trocado por *D* (dinheiro) que é novamente trocado por outra mercadoria. Refere-se a uma economia fechada e sem grande expansão. O dinheiro entra como um facilitador da obtenção de valores de uso. Agora o sujeito que quer *y*, basta conseguir uma quantidade específica de dinheiro por meio da troca do que tem. E *y* será usado completamente por quem o obter e *y* deixará de existir para o mercado.

O momento em que o *D-M-D* enquanto modelo hegemônico começou a decair foi no processo que se segue a acumulação primitiva. A acumulação primitiva foi o modo de acumulação que os reinos Europeus, durante o período de 1500 em diante realizaram a apropriação através do saque e da conquista violenta. A conquista foi feita sobre continentes inteiros como a América e África, onde produtos eram extraídos para a Europa de modo que homens foram escravizados para trabalhar a serviço dos reinos Europeus. Não obstante, dentro do próprio continente europeu as terras comunais, dos vassalos e pequenos produtores foram tornados propriedade privada, por meio do processo que ficou historicamente conhecido como cercamento - a nobreza expulsou da terra milhares de homens. Isso gerou um acúmulo grande de riquezas no continente, na mão de algumas classes proprietárias, o que possibilitou o enriquecimento das cidades e o fortalecimento dos comerciantes e artesãos, o começo econômico da formação da burguesia, assim como, o empobrecimento em massa de antigos camponeses que começaram a vagar pelos campos e cidades.

A burguesia, se aproveitando disso, e dançando de acordo com a música de seu tempo, em que trabalho já não era artigo de condenação, mas de redenção e a prosperidade pelo trabalho era algo já valorizado pela ética protestante (WEBER, 1980). Articularam o

trabalho de tal modo que, não era mais a troca para obtenção de dinheiro que criaram. Agora o trabalho produziria mais e mais. Os antigos camponeses e antigos servos foram transformados em homens livres. Assim, muitos deles trabalhando nas cidades, nas antigas casas de artesanato, que agora não mais funcionavam de modo artesanal. Tinham seu trabalho desvalorizado, apesar de produtivo. Produziam mercadorias, ao vender sua única propriedade: sua força de trabalho.

Assim, o burguês, ao comprar a mercadoria força de trabalho, dos homens livres, produzia, juntamente com as matérias primas, mercadorias que lhe rendiam um dinheiro maior do que havia investido. A fórmula $D-M-D$ já não expressa o que acontecia, a partir daí a economia pode ser representada por $D-M-D'$. O burguês investe dinheiro para obter as mercadorias supracitadas de modo a conseguir mais dinheiro.

O segredo dessa “pequena linha”, que mudou o mundo e fez do mundo inteiro capitalista, encontra-se no modo da apropriação de trabalho pela burguesia. Compreendendo como a história contribuiu para que fosse nesse momento específico (sendo posterior a acumulação primitiva, a noção positiva de trabalho e o tempo mais fragmentado e pormenorizado³, uma massa de homens miseráveis e livres), logo não sendo o capitalismo realizável em tempos mais arcaicos. A burguesia se apropria da única mercadoria que tem a capacidade de produzir valor, ou seja, a força de trabalho. De tal modo que a força de trabalho produzisse o valor para pagar a si mesma, enquanto mercadoria – na forma de salário para o trabalhador - e produzir um adicional de valor que mantém toda a classe burguesa. Ou seja, o lucro da burguesia, refere-se a toda mais-valia que sobra ao se quitar todos os insumos necessários a produção. O lucro da burguesia é a exploração do trabalho dos outros, lhes extraíndo a mais valia.

Esse, em poucas páginas, é o resumo do modelo geral da fórmula do capital, expresso por Marx em seus estudos. Porém, agora iremos expor o desenvolvimento histórico-político da Revolução Burguesa. Ou seja, do plano da economia política mais geral e abstrata iremos à realização histórica.

O PROCESSO HISTÓRICO DA REVOLUÇÃO BURGUESA

Neste capítulo iremos explicar o processo histórico da queda do *ancién regime* e a ascensão do capitalismo enquanto modo de produção hegemônico. Adotamos aqui a perspectiva histórica de Del Roio em seu livro *O Império Universal e seus Antípodas*. Posto

³.Como diria Decca, foi necessário colocar o relógio dentro do coração humano (DECCA, 1995).

isso, compreendemos que o processo histórico denominado Revolução Burguesa, é um processo que foi sendo construído ao longo dos séculos XVII, XVIII, cuja característica central é a consolidação de um bloco histórico, cujos elementos constitutivos mais importantes são a generalização das relações mercantis, a formação de Estados nacionais, com a explicitação jurídica das dimensões pública e privada das relações sociais e a configuração do liberalismo como nova visão coesiva do mundo que se funda na autonomia do econômico na ação individual dentro da “ordem natural (DEL ROIO, 1998, pp. 65-66)”.

Portanto, a burguesia constrói sua concepção de sociedade civil e de Estado para estabelecer seu domínio, através de dois “planos” superestruturais articulados. A sociedade civil é disputada pelo conjunto de aparelhos privados de ideologia, enquanto o Estado é o exercício direto da coerção. Porém a necessidade histórica da burguesia era articular outro fundamento de coesão interno, não coercitivo (fora do Estado), para exercer sua hegemonia sobre as classes subalternas por meio da sociedade civil, de modo a conseguir o “consenso espontâneo das massas” (GRAMSCI, 1968). Em meio à queda da tradição feudal, a burguesia fundou os conceitos de Povo-Nação, abrindo caminho para o governo “em nome do povo”. O povo aqui é um constructo abstrato de igualdade jurídica de todos os indivíduos sobre um Estado, independente de seu nascimento - em oposição às concepções da nobreza - porém condenados a liberdade e a sorte de suas capacidades de alcançar a propriedade ou de serem apropriados por outros mais capazes - firmando a justificativa da elite econômica ser advinda do mérito justo por meio da disputa das racionalidades econômicas - com vias de convencer as classes subalternas que seu lugar subalterno decorre de suas incapacidades.

Uma nova classe exige também um novo modelo de Estado, com essa nova ideologia abre-se o caminho para a nova estrutura de dominação: o Estado Liberal. Esse se firmando soberano representante de um povo nação. (DEL ROIO, 1998).

Sua hegemonia, nesse processo, é feita pela construção da consciência nacional-popular. No século dezanove, em que a burguesia emerge enquanto classe dominante, muitos movimentos nacionalistas eclodem, tais como os da Unificação alemã (1871), o ressurgimento italiano (1870), entre outros.

O Estado-Nação surge devido à necessidade que o vácuo ocasionado pelo fim da soberania baseado na figura do Rei monarca, pois constituía o elemento de coesão interno do estado e do território, assim como um dos elementos ideológicos centrais no que se refere à legitimidade da soberania do estado, pois o regime tinha como fundamento de seu reinado a idéia de uma “benção de Deus” sobre o monarca. Ao decapitarem o rei, nos processos revolucionários, cortaram junto toda essa legitimidade transcendente. A cabeça do rei caiu,

levando com ela, além de sua coroa, as bases ideológicas de uma era (MAZZONI, 2015). A burguesia se ergueu contra o “*ancien regime*”, lutou contra o feudalismo, contra a monarquia absolutista, contra as concepções de manutenção desse mundo, impondo um novo modo de produção, um Estado formado a sua imagem e semelhança – com seus próprios elementos ideológicos.

A Revolução Burguesa, portando, através do processo aberto pela Revolução Francesa de 1789⁴ firmou a nova sociedade. Porém a burguesia nunca teve um dia de calma, pois assim que conseguiu redefinir o mundo criou sua própria contradição político-econômica, pois a sociedade construída surge portando o paradoxo fundamental do mundo moderno: o pauperismo que nasce do maquinismo (HALÉVY, 1979), ou seja, na indústria que se produz uma abundância nunca antes vista, surge uma classe de trabalhadores desprovidos de tudo, exceto de sua força de trabalho.

Assim, logo que se fez, produziu os homens que se revoltaram contra essa contradição, já no processo da Revolução Francesa temos expressões disso “*en particulier de Babeuf qui voulait instaurer une dictature populaire pour abolir la propriété individuelle* (HALEVY, 1974, p.23)”⁵, Babeuf que era o líder da Conspiração dos Iguais, na década de 1790, se revoltou junto das camadas populares contra o julgo do Diretório (WILSON, 1986), apesar de ainda utilizar como sua visão norteadora os próprios intelectuais do Iluminismo vendo a miséria e a opressão do povo se revoltou contra o Diretório.

Mas é devido à grave situação social da primeira metade do século XIX que surgiram, com o avanço da revolução industrial, em meio as grandes revoltas operárias, que a expressão ideológica dessa contradição surge, ou seja, o socialismo, por meio tanto da escola de Robert Owen (1771-1858), quanto na escola de Fourier (1772-1837) e de Saint-Simon(1760-1825)⁶, ambas vocalizaram os anseios dos povos que se encontravam sobre o julgo da exploração capitalista – surge aí o socialismo.

Apesar desse passo, ambas as escolas não conseguiram fazer mais que uma crítica ao

⁴ A revolução francesa, em seus primeiros anos, estava repleta de uma forte concepção igualitarista rousseuniana. Conseguiram expurgar o misticismo do inviolável e do sagrado, e os direitos foram expandidos a todos os homens e a natureza. A noção de propriedade foi transformada, assim como, os bens nacionais e com a abolição, sem ressarcimento, do direito feudal. Robespierre e Saint-Just até tentaram estatizar parte da economia, mas foi uma tentativa efêmera, que degingolou após o 09 de termidor – conhecido como a fase da reação termidoriana, ou simplesmente, Termidor (HALÉVY, 1979).

⁵ Em particular Babeuf que desejava instaurar uma ditadura popular para abolir a propriedade individual. (tradução própria).

⁶ A palavra *socialismo* surgiu quase simultaneamente na França e na Inglaterra, na década de 30 do século XIX, com um significado pouco preciso, mas em geral usada em oposição a individualismo; posteriormente, passou a ser associada ao movimento de formação de cooperativas, só mais tarde adquirindo seu conteúdo atual, para designar um sistema social contraposto ao capitalismo (TEIXEIRA, 2002, p. 27).

individualismo e dar como saída mundos imaginários organizados perfeitamente, dando-lhes um caráter utópico (ENGELS, 2014). Outro movimento de maior expressão prática e menos ideológica é o cartismo⁷ inglês da década de 1838. Este tem grande influência na criação do *trade-unionism* - o movimento sindicalista inglês - de grande expressão no século XIX e XX (HALÉVY, 1979).

Essas concepções hegemônicas o debate crítico ao capitalismo na Europa até a década de 1840, pois na França apareceram outras perspectivas. Proudhon (1809-1865) denuncia a sociedade, colocando como seus inimigos: o Capital, o Estado e a Igreja, denunciando qualquer forma de governo como tirana; ao mesmo tempo em que Blanqui (1793-1881) começa a propagandear a ditadura do proletariado e a necessária tomada de poder por uma minoria em nome das classes proletárias. Proudhon funda, por essa época, o mutualismo⁸ e Blanqui o comunismo (HALÉVY, 1979).

Não menos importante, Marx, nessa mesma década, se aproxima e rompe com o mutualismo, cujo livro a *Miséria da Filosofia*, de 1846, é o símbolo do rompimento e a crítica ao mutualismo. Assinando sua adesão, no pensamento comunista, alguns anos mais tarde com sua entrada na Liga dos Comunistas e seu célebre *Manifesto do Partido Comunista*, em que gritava aos quatro ventos: “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!”. Além do que, a década

⁷ Em 1832 (na Inglaterra), recomeçaram as manifestações de rua e quando, em 1836, uma das crises econômicas recorrentes sobreveio e lançou ao desemprego milhares de trabalhadores, surgiu a Associação dos Trabalhadores (*Working Men's Association*). Em 8 de maio de 1838, a Associação divulgou a *Carta do Povo*, onde eram apresentadas, em seis artigos, suas reivindicações:

- representação proporcional da população no parlamento e divisão do país em 200 distritos eleitorais, com igual número de habitantes;
- renovação anual da Câmara dos Comuns;
- “sufrágio universal” (direito de voto para todos os homens com mais de 21 anos e residentes há mais de 100 meses no distrito eleitoral);
- Abolição do voto censitário; - escrutínio secreto;
- remuneração para os deputados e sessões regulares do parlamento.

O movimento, que passou a ser conhecido como —cartismo após a apresentação desse documento, é o primeiro (...) exemplo de um movimento operário espontâneo com ideologia de classe. A associação só permitia o ingresso de operários, meio de não fazer aliança com os partidos burgueses, nem mesmo com o Partido Radical. Mesmo assim não constituiu um movimento socialista; achavam que a reforma política seria suficiente para melhorar suas condições materiais.

O cartismo continuou a crescer e a conquistar adeptos, realizando, em, 1840, um Congresso Nacional em Manchester. Em 1842, foi redigida uma petição, subscrita por três milhões de pessoas e encaminhada ao Parlamento, na qual se reivindicava: sufrágio universal, redução da jornada de trabalho, supressão das *poor laws* e fechamento das *working houses* [espécie de asilos destinados aos desempregados, pareciam-se mais com verdadeiras prisões e campos de concentração]. Diante da recusa do Parlamento à petição, foi decretada uma greve geral, que fracassou, levando o movimento a perder força (TEIXEIRA, 2002, pp. 22-23).

⁸ O mutualismo é a concepção econômico-política de Pierre-Joseph Proudhon. O mutualismo é a concepção individualista anti-burguesa, pois é pautado no desenvolvimento da liberdade através das relações de apoio mútuo. O Estado, como inimigo da liberdade individual deveria ser destruído, o Capital deveria ser reformado, e deveria imperar um sistema de Federação dos pequenos produtores, chamado por Proudhon, em seu livro *Princípio Federativo*, de livre federação dos produtores livres, assim como federação agrícola industrial. A atuação deveria ser pautada na construção de cooperativas e de federação dos produtores (PROUDHON, 2001).

de 1840, termina com uma grande explosão, chamada: “Primavera dos Povos de 1848”. Chacoalhando toda a Europa e terminando com a repressão e o estabelecimento do bonapartismo na França. A década de 1850 é marcada por um ou outro movimento nacional, e pelo refluxo das lutas operárias e a tentativa de construção de uma ou outra organização como veremos mais a frente. Os anos 1860 são marcados pelo ressurgimento dos movimentos de resistência e greves operárias principalmente na Inglaterra e na França, assim como a Guerra de Secessão Americana e alguns conflitos nacionalistas como o movimento polonês contra o Império russo, ou seja, é uma década de reviravoltas (HALÉVY, 1979).

Em meio a todo esse cenário que vai da ascensão da burguesia, ou seja, ascensão do Estado Liberal, do individualismo econômico, da estabelecimento dos “povos-nação” e consecutivamente do as origens do nacionalismo, compreende, também a construção do seu negativo interno, o trabalhador, e das ideologias e organizações que permeiam sua existência, entre elas o socialismo, cartismo, mutualismo, comunismo e *trade-unionism*, deve-se compreender o surgimento da Associação Internacional dos Trabalhadores – AIT.

Criada em 1864, na Inglaterra, por operários ingleses, franceses e emigrados de vários países. Por ocasião da ida de uma delegação francesa a Inglaterra para a Exposição Universal. A AIT foi uma organização de trabalhadores de vários países cuja pretensão de organizar sobre o mesmo espírito todos trabalhadores pelo incentivo e apoio a luta pela melhoria das condições de vida das classes subalternas, assim como pela emancipação dessas classes. Já em seu chamado inicial anuncia que: “A emancipação dos trabalhadores é tarefa dos próprios trabalhadores”. Agrupava organizações locais e profissionais, sem contar as adesões individuais. Enfim, a associação conseguiu estabelecer seções inglesas, alemãs, francesas, suíças, belgas, italianas, espanholas e americanas. Organizada de modo estatutário, este estabelecendo autonomia as seções, com um Conselho Geral que servia como veículo de articulação, guiado em suas diretrizes por Congressos. Organizou um total de cinco Congressos, até a cisão em 1872, debatendo temáticas das mais variadas.

A AIT representa uma tripla negação ao status quo burguês, pois era 1º) protagonizada por um sujeito-histórico anti-burguês: os trabalhadores e sua solidariedade de classe, não o empreendedor racional e individualista; 2º) propunha uma emancipação da classe “aprisionada” na ordem estabelecida, negando dialeticamente os avanços de 1789 como o estágio final da humanidade, propagando: “não mais direitos sem deveres, não mais deveres sem direitos” e cantando a célebre canção de Lambeautecha “Não me fale em liberdade! A pobreza é a escravidão!”, ou seja, a luta contra o sistema capitalista por meio das concepções contrárias a ele e, por fim, 3º) contra a concepção legitimadora do Estado Burguês: “a nação”,

em contraposição, uma associação de homens de todas as nacionalidades. Contra o mundo burguês, o mundo dos trabalhadores. Contra a igualdade civil, a igualdade dos produtores. Contra o nacionalismo, o internacionalismo. Eis a grande importância da AIT.

Sua crise que redundou em sua cisão em 1872 é muitas vezes associada ao conflito de duas figuras “titânicas” (Bakunin e Marx) Mas não é isso que defenderemos aqui. Defenderemos que isso vem à ocorrer por (...) “razões sociopolíticas mais profundas”⁹ (TRAGTENBERG, 2010, p. 32)”. Como se sabe, K. Marx é o escritor de obras como O Capital e Manifesto do Partido Comunista, e o fundador do —socialismo-científico, foi também secretário geral do Conselho Central da AIT; e Mikhail Bakunin revolucionário russo, um dos idealizadores e difusores do anarquismo, fazia parte da ala dita —coletivista da AIT. Essa disputa reflete, em grande medida, as frações de duas ideologias que compuseram e disputaram as linhas diretivas da organização (MAZZONI, 2015).

O internacionalismo, marca inaugural do surgimento da AIT, é, em resumo, a expressão da solidariedade de homens que não dispendo de traços culturais e linguísticos comuns, estabelecem um ponto de referência comum entre si para poderem se irmanar. O ponto em comum da AIT foi a luta contra a exploração pelo Capital. Muitos dos documentos, em contraposição ao patriotismo do século dezenove, reivindicavam a grande Pátria do Trabalho. Assim, traçavam uma linha horizontal entre vários povos que dividiam os trabalhadores dos exploradores e parasitas. Assim, a classe trabalhadora, se realizou enquanto movimento crítico nesse momento de modo internacional. A compreensão geral das forças operárias era que o homem explorado tem muitos irmãos de igual situação e sua luta só poderá ter um fim de vez – enquanto fim da exploração – por meio da união dos explorados de todos os povos.

O internacionalismo, base da organização, está não só afinado com a contradição gerada pela burguesia, com a exploração pelo Capital e o aprisionamento pela pátria. O Internacionalismo foi desenvolvido gradativamente no século dezenove, em vários momentos e por várias organizações e pessoas distintas. Para tanto, faremos um estudo do texto *Étude sur la formation de la Première Internationale* de Jacques Freymond¹⁰. Assim podemos começar a responder:

O que é a Internacional e onde começou?

⁹ Apesar do grande enfoque no embate desses dois titãs (vide em obras de partidários de ambos). Alguns pontos centrais podem ser destacados, como: a Guerra Franco-Prussiana de 1870, a repressão brutal aos communards, e aos internacionalistas no pós-Comuna de Paris, o próprio desgaste do processo de cisão, o fracasso da AIT nos EUA, entre outros. (HALÉVY, 1974).

¹⁰ Artigo de Jacques Freymond; hospedado no link: <http://dx.doi.org/10.5169/seals-7732067>

INTERNACIONALISMO E LUTA DE CLASSES NO SÉCULO XIX

Então, qual é a origem da AIT? Qual a origem desse impulso da solidariedade internacionalista dos trabalhadores?

Uma primeira resposta pode ser extraída da Declaração Inicial da Associação Internacional dos Trabalhadores de 1862, escrita por trabalhadores ingleses aos seus camaradas franceses (durante a Exposição Universal):

Basta da oposição entre os homens, da competição pelo trabalho, agora é na união dos trabalhadores entre si que esta sua salvação. “Esperamos”, diz o representante dos trabalhadores ingleses, esperamos que encontremos algum meio internacional de comunicação e que a cada dia se queime uma nova chama de amor. Chama esta que unirá os trabalhadores de todos os países (FREYMOND, 2015, p.01)

Tais eram os sentimentos dos trabalhadores ingleses. Enquanto, seus camaradas franceses, não deixavam por menos, no que se vê pela resposta de Richard (da cidade de Lyon): “Só por nossas línguas serem distintas”, questiona ele, “não poderíamos experimentar a mesma ideia? Que cesse toda raiva entre as nações! Os trabalhadores de todas as nações andarão de mãos dadas e com os corações unidos” (RICHARD, in FEYMOND, 2015, p.02)

Esta ideia de uma solidariedade dos trabalhadores de todas as nações é patente, isso é verdade, em diversos momentos. A Internacional não é filha do entusiasmo de um dia, nem do acaso de um encontro. Ela é o produto de uma evolução que cobre mais de meio século. Podendo ser apontada, alguns momentos desta, numa sorte variada de precursores. Sem levar em conta tempos mais remotos, que nos levariam a utopistas do renascimento ou, até mesmo, aos anabatistas. Porém, para dar mais rigor ao recorte, manteremos a visão no possui uma influência direta. A persistência de uma corrente de fraternidade, que não se deixou cair nas grades da nação, nacionalismo e do Estado. Na França, a revolução de 1789 tem efeitos análogos no seu chamado à reconciliação dos povos separados uns dos outros pela tirania, abrindo a possibilidade de uma união de todos os homens, no instante em que foi declarado:

Dizemos à Europa... que todos os combates que o povo realiza por ordem dos déspotas, se assemelha aos golpes que dois amigos, instigados por um traidor, se lançam no escuro. Se o dia deixasse tudo às claras, eles se livrariam das armas, se abraçariam, e logo após, se uniriam e se revoltariam contra aqueles os enganaram. Do mesmo modo, se no momento em que os exércitos inimigos, lutando contra o nosso, a luz da filosofia atingisse seus olhos, as pessoas beijar-se-iam em frente do tirano destronado e deixariam a terra consolada e os céus satisfeitos (ISNARD in, FREYMOND, 2015, p.02).

“Os povos se abraçarão”, o tema aparece, também, frequentemente na literatura, na música, uma estrondosa mostra disto, temos na grandiosa Nona Sinfonia de Beethoven. Esperança levada por grande parte dos “reformadores sociais”. Saint Simon, seus discípulos, reavivaram a ideia diversas vezes, ao vislumbrarem uma “sociedade europeia”, seu novo cristianismo convocou “a constituir todos os povos num estado de paz permanente”. Seria uma tendência “da espécie humana se constituir em uma associação universal”, pela supressão da exploração do homem pelo homem.

Repete-se em Lamennais, Fourier, Owen, Considérant, Cabet, todos tinham esta fé na conciliação dos povos pela reorganização da sociedade. Uns e outros, trabalharam cada um a sua maneira, pela aplicação de sua doutrina. Para Fourier, o falantério seria o meio mais eficaz. Owen tentaria, na experiência de New Harmony, enquanto Cabet propunha sua República de Ícaro. Saint-Simon, em resposta mais precisa, almejava a formação de um governo europeu, seguido por Victor Considérant e Pecquer. Giuseppe Mazzini iria ainda mais longe, com sua “Jovem Europa”, tomada como a prefiguração e instrumento de uma federação européia em que a fundação seria possível, pelo triunfo do republicanismo com alguns traços socialistas (FREYMOND, 2015).

No ano de 1848, são feitos novamente, alguns chamados pela aproximação dos povos e certos projetos de reorganização da Europa. Os chamados, lançados no início de março de 1848, ecoaram pelos revolucionários franceses, passando pelos democratas alemães, agraciado pela grande voz de Victor Hugo, que presidirá, em agosto de 1849, o Congresso da Paz. Na França, o movimento foi encabeçado por Henri Feugeray e Emile de Girardin que formularam sua visão do problema. Na Itália, Cattaneo retomou o tema mazziniano da União da Europa nacionalista e republicana. Na Alemanha e na Grã-Bretanha também houveram apelos à fraternidade dos povos (FREYMOND, 2015).

Deve-se ter em conta que os projetos eram vagos, porém tiveram suas implicações. Repercutiram por diversas manifestações, juntamente com o tema da revolução democrática e social. Seria um projeto para uma aliança europeia ou universal, devido a necessidade de uma libertação dos povos oprimidos.

O conceito de povo, nesse momento histórico - sem nos valermos de um autor propriamente socialista - para aqueles que se postavam enquanto seus representantes, tal como Michelet ou Lamennais, que empunhavam a bandeira da esperança numa reconciliação dos povos e da necessidade da reorganização da sociedade - preparando o terreno para a Internacional. “O povo, para Michelet, é o camponês, é o trabalhador, são os homens que sofrem, pois eles não têm direitos, mas são aqueles capazes de fazer uma devida regeneração

(FREYMOND, 2015, p.04)”. Enquanto Lamennais, em seu “Livro do Povo”, ao terminar uma apreciação dos vários ofícios, concluiu nesses termos:

Assim, em cada país, todos aqueles que se exaustam e que penam para produzir e realizar a produção. Todos aqueles que subsistem na ação voltada ao lucro da comunidade inteira, as classes mais úteis para a vida, os mais indispensáveis a sua conservação, voilá, o povo. Carregam um pequeno número de privilegiados que gozam o puro gozo, enquanto, o povo é o semblante do gênero humano. (LAMENNAIS in, FREYMOND, 2015, p. 04)

Pelo fato de não ser evidente o vínculo entre a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, com a Associação Internacional dos Trabalhadores de 1864, temos que enfatizar esse processo de construção gradual de longo prazo. Um trabalho que foi sendo realizado pelo próprio desenvolvimento do movimento operário. A própria AIT é uma etapa dessa longa história do movimento operário, sobretudo, apreendido nas ideologias que ela produziu. O espírito que inflamava seus fundadores, fez com que, já na ideia inicial, seria uma Associação dos Trabalhadores.

Fato que já no primeiro parágrafo de seus estatutos não resta dúvidas: “Considerando que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores”. Posto isso, “então é no interior do movimento dos trabalhadores que devemos procurar suas origens, interrogando os militantes e os seus teóricos.” (FREYMOND, 2015, p.05)

Uma das personagens que se destaca no movimento operário europeu da primeira metade do século XIX é, a hoje esquecida, Flora Tristan (1803-1844). Descendente de uma família nobre, tendo na França uma existência difícil, veio a contribuir, através de sua escrita, de sua oratória e projetos organizacionais, uma papel capital para o acúmulo das forças dos trabalhadores. Tinha a pretensão de fundar uma organização denominada de *Union ouvrière*. Essa organização de 1843 possuía como propósito, segundo ela:

1) constituir a unidade compactuada, indissolúvel, da classe dos trabalhadores; 2) possibilitar, por meio de cotização voluntária, de cada trabalhador, tornar a *Union ouvrière* proprietária de um enorme capital; 3) adquirir por meio desse capital um poder real; 4) por meio desse poder, combater a miséria e extirpar sua prolongação, dando as crianças da classe dos trabalhadores uma educação sólida, racional, capaz de fazer homens e mulheres instruídos, racionais, inteligentes e hábeis em suas profissões; 5) recompensar o trabalho, tal como deve ser, de modo farto e digno. (TRISTAN, in, FREYMOND, 2015, p.06)

A ideia de Flora Tristan, é que sua organização não ficaria restrita dentro dos territórios nacionais, almejava que suas ações atingissem todos os trabalhadores. de modo que

A *Union ouvrière*, atuando em nome da unidade universal, não faz nenhuma distinção entre os trabalhadores da nação e os trabalhadores de não importa de qual nação da terra. Assim, para todo indivíduo dito estrangeiro os benefícios, da *Union*, serão absolutamente os mesmos que para os franceses. (TRISTAN in, FREYMOND, 2015, p. 06)

Não podemos perder de vista que o programa levado por Tristan é vasto e geral, em algumas passagens ela advogava que era uma grande necessidade para a causa dos trabalhadores que cessasse com os embates nacionais e mesmo cessasse o embate nacionalista.¹¹

Ela vinculava o fato do desenvolvimento da técnica industrial, como uma possível abertura a própria vinculação de uma fraternidade e aproximação dos povos, chega a afirmar que a indústria moderna é um agente de união entre os povos¹². A *Union ouvrière* leva em si um duplo objetivo: 1.) Agir como um instrumento que procure a melhora na vida dos trabalhadores; 2.) Pretendia-se ser um agrupamento dos trabalhadores de todos os países¹³, para uma aproximação entre os povos e a busca da paz.

Porém, suas pretensões, assim como seu chamado, resultaram em quase nada. Tristan percorreu um caminho de decepção em decepção. Pois, para tentar realizar seus grandes sonhos buscou auxílio nos homens célebres e vinculados as ideias progressistas e socialistas. Eis como Freymond descreve essa relação:

A equipe de la Ruche a recebe com frieza. Enfantin a trata com desdém, Cabet a confronta. Somente Considérant, demonstra um pouco mais aberto e receptivo. É com pesar que ela parte a procura da ajuda financeira que precisava para realizar a edição de seu trabalho. Primeiro passo, que avança dificilmente, pois seu plano cairá nas garras de um ceticismo geral. (FREYMOND, 2015, 06)

Porém, não deixou-se abater, através de longas viagens que faz pelo interior da França, tenta fundar sua *Union Ouvrière*, apesar deste esforço hercúleo não chegou a tornar-se conhecida fora da França. O destino de Flora Tristan, foi ficar isolada, mesmo assim, nunca deixou de sonhar num amanhã em que os trabalhadores de todos os países viessem a se unir. Morre em 1844, sem conseguir ver seu sonho realizado.

¹¹. “Agora nossa pátria deve ser o universo...” (TRISTAN in, FREYMOND, 2015, p.06)

¹² As máquinas de ferro. As máquinas de ferro! Eis os agentes da união, da confraternização, contra elas quem poderia se levantar! Que os povos se misturem que troquem suas ideias, que troquem entre si seus talentos, assim como suas coisas e as tensões entre as nações não mais existirão. Isso é o que nos traz tamanha efervescência. Os povos só exigem viver em paz (TRISTAN in, FREYMOND, 2015, p. 06) – tradução do autor.

¹³ Em um dos chamados de Flora Tristan, expressa: “Para você lanço esta convocação para construção da união universal dos trabalhadores e das trabalhadoras; a constituição da unidade humana, será sua recompensa.” (TRISTAN in, FREYMOND, 2015, p.06)

Mas, já na época de Flora Tristan, começava a florescer a mesma ideia na cabeça de outros militantes. Um exemplo disto é a mensagem enviada, em 1836, pela *Working Men's Association* aos trabalhadores belgas.¹⁴ Não hesitava em declarar que sua associação seria a primeira a levantar e realizar a comunicação internacional entre operários de diferentes países.

Esses contatos se estabeleceram por anos, entre vários militantes. Deve-se pontuar que o cartismo, mesmo tendo seu enfoque sobre os problemas condizentes aos britânicos, não era indiferente ao que ocorria no estrangeiro. Porém, essencialmente em 1838, estabelecem um contato com os refugiados políticos (FREYMOND, 2015), tanto que George Julian (militante cartista) entra em contato com alemães, italianos, poloneses refugiados em Londres – que julgam necessária a uma união. Fundando, em 1844, a associação *Démocrates fraternels* (FREYMOND, 2015, p. 07) [Democratas fraternais]. Esta associação conseguiu alguma força dentro dos cartistas: “tais como Ernest Jones, Cooper e George e Julian Harney.” (FREYMOND, 2015, p. 07)

Os estatutos estabeleciam que:

...os membros de todas as nacionalidades deveriam designar um secretário geral e um ou mais secretários correspondentes. O secretário geral e os outros representantes nacionais (um por nação) constituiriam o executivo da associação que fariam professar o internacionalismo. —Pois estamos convencidos, diz seu programa, que os preconceitos nacionais são sempre utilizados para opressão dos povos para os colocarem uns contra os outros ao invés de trabalharem para o bem comum, nossa sociedade repudia o termo Foreigner (forasteiro)... Nossa vontade é de receber nossos camaradas sem consideração de nacionalidade, como membros de uma mesma família, a raça humana, e como cidadão de uma só comunidade: o mundo.” (FREYMOND, 2015, p. 08)

Essa associação possuía, em seu programa, certa influência do cartismo, assim como do socialismo. Estava sem sombras de dúvidas respirando os ares da revolta de seu tempo. Sobre o continente, Mazzini estava a defender sua Jovem Europa, atraindo a atenção para si, além de algumas outras menos ativas que por seu caráter estritamente socialista também tiveram influência na AIT.¹⁵

Várias organizações, durante a década de 1840 estavam alinhadas com essas idéias mescladas de socialismo e internacionalismo, uma que se destacou foi a Federação dos Justos,

¹⁴ A classe trabalhadora, diz entre outras coisas Lovett, discípulo de Owen e um entusiasta do cartismo, a classe trabalhadora ignora a situação que ela ocupa na sociedade... Nossa emancipação depende da difusão dessas verdades entre os trabalhadores de todos os países (FREYMOND, 2015, p. 07).

¹⁵ “*Deutscher Bund zur Verteidigung der Pressefreiheit*, a *Fédération des Bannis de Venedy* e de *Schuster*, assim como a Liga dos Justos, onde se destacavam Heinrich Bauer, o relojoeiro Joseph Moll e, sobretudo Wilhelm Weitling que filiado a Sociedade *des Saisons de Barbès* de Blanqui, participará da insurreição de 1839. É esta Liga dos Justos que vai transformar-se na Liga Comunista, que após Weitling, acolhera Marx e seu amigo Engels (FREYMOND, 2015, p. 08)” - tradução do autor.

que teve entre suas fileiras um grande militante do movimento operário, o relojoeiro Weitling (envolvido em vários levantes e em projetos organizacionais), organização esta composta por figuras que dispensam apresentação como Karl Marx e Friederich Engels, que, ao aderirem à Liga, fazem com que esta muda de nome para: Liga Comunista. A dupla obteve este êxito em 1847 Marx e Engels entram na Liga Comunista (FREYMOND, 2015).

A entrada de Marx e a redefinição política da organização com o movimento comunista é muito bem “documentada” no manifesto de 1848: o Manifesto do Partido Comunista. Escrito por Marx e Engels. Esboçam sua concepção história e da conjuntura européia daquele momento, traçando as propostas da vertente comunista e o que pretendiam os comunistas, fechando o livro com aquela frase que tornaria-se conhecidíssima: “Proletários de todo o mundo, uni-vos”¹⁶.

O primeiro Congresso dessa nova organização é realizado em 1847. Fixa seu Comitê Central em Londres. Estabelecem contatos na Bélgica e em Paris, porém não só com elementos socialistas, mas com vários democratas. Nesse momento, os *Démocrates fraternels* entram em contato com a Associação democrata, a qual tem como vice-presidente Marx, e por isso é convidado a participar da reunião de comemoração ao aniversário da Revolução polonesa de 1830¹⁷.

Nessa reunião, Marx expressa que não é mais uma questão de uma solidariedade que entrelaça o destino dos povos, é a própria necessidade histórica de um futuro não só do socialismo, mas da democracia que está na mão dos trabalhadores. Que estava expressa em seu manifesto, uma unificação da ação dos proletários. (FREYMOND, 2015)

A Primavera dos Povos vem como uma grande tempestade de verão, molhando toda Europa nas águas da esperança. Agitação das massas em vários países, na França terminando com a queda da monarquia. A Primavera dos Povos foi a prova de que a burguesia tornara-se conservadora, pois, passada a euforia de alguns meses, os revolucionários tendo sido vencidos, as burguesias não demoraram por se restabelecerem no poder junto com as antigas classes aristocráticas. Agora a revolução democrática, por liberdade e igualdade, não era mais

¹⁶ Há de se notar outra célebre frase do período, o lema dos cartistas: Todos os homens são irmãos. (FREYMOND, 2015).

¹⁷ Engels relata um discurso proferido por Marx na ocasião: “Marx declara que a Inglaterra dará o sinal de liberdade a Polônia. A Polônia, diz ele, só será livre quando as nações civilizadas da Europa ocidental tiverem conquistado sua democracia. E Entre todas as democracias europeias a mais forte, a mais numerosa, era a da Inglaterra, organizada de modo a abranger todo país. É na Inglaterra que o antagonismo do proletariado e da burguesia é o mais desenvolvido, lá que a luta decisiva entre as duas classes da sociedade se tornará mais evidente. É então, na Inglaterra, que começará, segundo toda a probabilidade, o combate que terminará pelo triunfo universal da democracia e que influenciará sobre o problema da Polônia. É na vitória dos cartistas ingleses que depende o sucesso da democracia européia (ENGELS in, FREYMOND, 2015, p. 09)” - tradução do autor.

tarefa da burguesia, tornara-se tarefa dos subalternos; falar em revolução seria falar na revolução das classes trabalhadoras.¹⁸

A Primavera dos Povos acabou trazendo pelo menos uma coisa de positivo, sua experiência prática. O que possibilitou forjar, a ferro e fogo, os homens e mulheres que estariam por levar em seus corações a esperança que faria ainda balançar a Europa no final do século de XIX. Trouxe, também, os ensinamentos, que Marx, Bakunin, Proudhon e tantos outros tiveram e fizeram a transmissão de seu conhecimento, através de suas análises e em certa medida, fizeram por onde para influenciar na política e na compreensão de mundo das classes trabalhadoras.

Nos anos que se seguiram, o movimento socialista na Inglaterra, tornou a ficar restrito sobre a forma de pequenos círculos, cujos membros - refugiados de toda a Europa - faziam uma luta muito mais sobre a pequenez de sua influência dentro desses mesmos círculos, do que um combate geral dos trabalhadores¹⁹. Apesar de estar ocorrendo, naquele momento imediato, este problema da disputa de espaços restritos, o ambiente tão heterogêneo, possibilitou a difusão da ideia de uma associação revolucionária internacional – cujos refugiados consideravam as várias nuances e as possibilidades para sua realização; Deveria ser, esta organização, socialista ou democrata? Era umas das várias questões que tiveram que enfrentar. Pois não tinham uma visão clara das características e da concepção que deveria guiá-la. Contudo, um ponto unia todos os homens, deveria “possibilitar a união de todas as forças necessárias para a mudança que esperavam da ordem social.” (FREYMOND, 2015, p.13)

A já comentada associação *Démocrates fraternals* surge em meio a esse contexto e como uma possibilidade de resolução desse paradigma, porém, sua ação política foi pouco eficaz. Mesmo assim, sua existência é notável; lançou seu chamado à união universal na

¹⁸ “As tentativas revolucionárias de 1848 ecoaram de um lado ao outro passando pela Alemanha, Itália, pelo Império Austríaco e pela França. Os socialistas eram pouco numerosos para criar um movimento de massa suficientemente forte. A Europa explodiu antes que os adversários dos regimes tivessem tido tempo de se preparar para as responsabilidades da reconstrução. A consciência de uma solidariedade do proletariado internacional não existia ainda – exceto por alguns pontos isolados. Além do que, os mais dinâmicos socialistas franceses, eram sensíveis ao messianismo revolucionário, herdeiros da grande aventura militar começada em 1792, mostrando-se favoráveis a uma política de intervenção armada, a favor das forças revolucionárias, enquanto os governantes, cientes das complicações, fizeram de tudo para acalmar as paixões e canalizar o movimento. Quanto ao cartismo, sua influência diminuiu depois de alguns anos, não manifestando sua presença em 1848 devido à um equívoco, uma tentativa de intimidação cujas consequências seriam lamentáveis. (FREYMOND, 2015, p. 11)” - tradução do autor.

¹⁹ Nesses círculos, alguns dos membros foram: “Os alemães democratas, os socialistas Prussianos, Renanos, da Bavária, enquanto Marx e Engels acompanhavam, como observadores frios e pouco interessados, os embates. Os franceses, Ledru-rollin, Louis Blanc, Félix Pyat, Talandier. Em segundo plano, poloneses, húngaros e alguns russos, de vez em quando aparecia em cena Mazzini. Entre os estrangeiros, alguns ingleses, antigos cartistas tais como Ernst Jones e George Julian Harney (FREYMOND, 2015, p.12)” - tradução do autor.

“*Democratic Review*”, no ano de 1849. Durante esse mesmo ano, realizou várias reuniões e celebrações das datas revolucionárias. Durante a festa do fim do ano de 1849, por exemplo, Harney pronunciou o seguinte discurso:

Nós devemos exigir, escrevera ele, o princípio da fraternidade no lugar onde se encontram todas religiões hoje. Este princípio, nós não devemos levantar unicamente como nossa única bandeira, mas o conservar em nossos corações; nós deveremos, enfim, o impor, como regra de nossa ação. Se nós o fizermos, nenhuma força poderá impedir nossa vitória. A bandeira vermelha percorrerá todo o mundo e arrebatará todas as nações. (HARNEY, in FREYMOND, 2015, p. 14)

A ação do *Démocrates fraternels* continuou durante o ano de 1850. O ano de 1851 é marcado somente pelas várias comemorações, tais como em comemoração as revoluções de 1848 e uma ou outra manifestação. Já em 1852, o golpe de Estado de Luiz Bonaparte, tomou grande parte da agenda da organização; engajando-se contrária ao golpe.

Em novembro de 1853, os *Démocrates fraternels*, se reuniram para protestar contra o destino dos patriotas italianos, e nessa ocasião debateram a possibilidade de levantar um fundo para liberdade na Europa (se aliando aos democratas americanos e australianos). Apesar desse grande passo que tentavam dar, os *Démocrates* viram seu destino atrapalhado por rivalidades pessoais. O embate estabelecido por Harney e Ernest Jones (que tinha entre alguns de seus “aliados” Marx e Engels). Esse embate termina pelo abandono de Harney da organização e de sua saída da Inglaterra: “Cena que marca o fim da organização.” (FREYMOND, 2015, p.15)

O fato é que, após o afastamento de Harney, Ernest Jones tornou-se figura central do movimento. Tentando levar uma linha próxima ao cartismo, em 1854, consegue, com ajuda de vários aliados, uma reunião em Março (Manchester) do “Parlamento do Trabalho” que traz uma nova perspectiva e um novo programa. Jones organiza também um comitê de recepção a Armand Barbès um republicano, veterano da Primavera dos Povos que estava vindo por ocasião de sua saída da prisão. Um claro movimento acena em prol daqueles vários militantes franceses, que, no momento da perseguição, poderiam contar com pelo menos uma mão solidária. Este comitê, após realizar a recepção de Barbès, constitui-se enquanto “Comitê de Organização dos cartistas de Londres”, tendo também um braço de comunicação com os refugiados residentes em Londres.

O Comitê, por ocasião do aniversário da revolução de 1848 (17 de fevereiro) realizou uma comemoração em Londres, cujo discurso de seu presidente Ernest Jones, publicado na revista *The People*, dizia:

Existe um homem pobre oprimido na Grã-Bretanha? Existe um artesão explorado e arruinado na França? Sendo positiva ambas as respostas, eles pertencem a só uma raça e a um só país, a uma só fé, a um só passado e a um só amanhã... Unam-se! Aqueles que oprimem a humanidade estão muito unidos, mesmo quando fazem a guerra. São unidos sobre um ponto, isto é, a manutenção da miséria do povos e sua sujeição. Cada democracia não é forte o suficiente para livrar-se de seu próprio jugo, mas elas (as democracias) dispõem de uma força moral, de uma força tal que nada pode resistir. A aliança dos povos é de uma importância vital, porque seu desentendimento, a manutenção das antipatias nacionais, podem somente salvar as monarquias de sua queda. Reis e oligarquias jogam suas ultimas cartas, nós podemos ser mais espertos que suas manobras. Cada movimento dos tempos modernos não tem maior importância que essa aliança internacional que deve ser proclamada no grande encontro de *St Martin's Hall*. (JONES in, FREYMOND, 2015, p.16)

Nesta reunião, levava-se a ideia da luta contra a monarquia, mas também, já colocava-se no horizonte a importância de que a luta não caísse num outro tipo de sujeição dos homens, ou seja, a sujeição ao capital e a burguesia.

Em abril do ano seguinte, 1855, o Comitê Internacional, com apoio da *Commune révolutionnaire*²⁰, consegue realizar um encontro com uma delegação de trabalhadores franceses “que propõe a formação de uma liga universal dos trabalhadores, segundo um plano que lembra a linha da *Union ouvrière* de Flora Tristan” (FREYMOND, 2015, p.17). Pois a proposta dos trabalhadores franceses não tomava uma linha de “ação política”, mas, sobretudo, uma ação mais voltada à formação de um capital independente, financiado pelos trabalhadores, com clara influência de Proudhon. Este capital, serviria a eles como um meio de realizar sua emancipação. Enquanto isso, o Comitê, tenta levar a cabo a ideia de construir uma organização de ação; num documento de 1856, eles assinalavam:

Não queremos terminar sem expor um plano para realização do que nós consideramos como o essencial e depois o que pretendemos realizar. Este plano consiste em uma ampliação do Comitê internacional, pois este se encontra condenado pela sua impotência devido ao pequeno número de membros e seu atual estado de miséria, [transformando-o] em uma associação internacional aberta aos homens de todos os países, que não deve contar com um só comitê internacional em somente uma das cidades da Europa; devemos ter comitês internacionais no maior número de cidades possível. Nós não podemos, no momento, falar mais amplamente sobre os meios de criar num grande número de países, como centralizar seus recursos e suas empreitadas. Nós dizemos, simplesmente, que se aprovarem esse plano, nós emitiremos cartões de membros, por meio de uma taxa de 6 *pence* ao trimestre, o que fará de você um membro do Comitê Internacional com direito a voto nas assembleias internacionais de seu país e nas assembleias internacionais.

²⁰ É na *Commune révolutionnaire* que se encontram certo número de blanquistas e de socialistas revolucionários de diversas tendências. O fundador é Félix Pyat que, sendo forçado a deixar a França, ganha a Suíça, pois; após o Golpe de Estado de 02 de dezembro, vai a Londres onde se encontra com alguns franceses exilados, tais como Caussidière, antigo prefeito da polícia de 1848 e o advogado Alfred Talandier. A *Commune révolutionnaire* chama a atenção por diversos manifestos publicados entre 1852 e 1856. (FREYMOND, 2015, p.17) - tradução do autor.

Assim construiremos uma organização numerosa, rica e poderosa. (COMITÊ INTERNACIONAL, in FREYMOND, 2015, p.18)

Tentando consolidar seu projeto, o Comitê realiza um chamado geral a construção dessa organização. O chamado era particularmente endereçado a organizações como: a já citada *Commune révolutionnaire*, a Sociedade dos comunistas alemães, os cartistas ingleses, socialistas poloneses, assim como, para os indivíduos que mesmo não pertencendo a nenhuma sociedade, poderiam se interessar pelo projeto de: “entrar numa aliança de maneira a se apoiar mutuamente em todas as empreitadas que vislumbressem o triunfo da república universal, democrática e social.” (COMITÊ INTERNACIONAL, in FREYMOND, 2015, p. 18)

O chamado a ação do Comitê, foi feito nos seguintes termos:

Essas sociedades, seguindo a resolução, se engajando no objetivo de fazer, tudo que estiver ao alcance de suas forças, que os cidadãos de todos os países organizem-se nas sociedades socialistas e revolucionarias nacionais; ligando-os uns aos outros por meio da associação geral... preparando assim, a revolução futura – esse objetivo que as revoluções passadas não puderam atender, por não terem em sua prática a lei de solidariedade sem a qual não há salvação nem para os indivíduos nem para os povos. (COMITÊ INTERNACIONAL, in FREYMOND, 2015, p.18)

Apesar do esforço, da clareza da justa causa destes trabalhadores e de suas organizações, seu ideal declina. Enfraquecido, o Comitê Internacional, realiza ainda nos anos seguintes anos um ou outro encontro e alguma comemoração. Porém, entre os anos de 1857 e 1858 vem a perecer. Desaparece e apesar de hoje ser pouquíssimo conhecido, teve uma influência importante na propagação da idéia de uma união internacional dos povos, fazendo com que a chama da esperança da união internacional - que vinha sendo cantada por Beethoven, sonhada por Tristan, passando pelos *Démocrates Fraternels* e muitos outros - continuasse acesa e adiante. Contudo, ocorre um hiato entre o fim do Comitê e a fundação da AIT, preenchido pela luta de tipo “sindical”.

A partir de 1860, o movimento dos trabalhadores é renovado por toda uma leva de organizações e de pessoas que fazem com que a relação capital e trabalho não reste silenciosa nem por um só momento. A agitação toma Londres, primeiro pela greve da construção civil de 1859 e continuando nas movimentações dentro das indústrias. A greve da construção civil convoca um comitê de greve, constituído por representantes de diversas profissões. Um dos ganhos da greve, o que mais nos interessa, é o sentimento de solidariedade entre os trabalhadores que saiu reforçado. Concluíram a necessidade da existência de um organismo sindical permanente, que atue nos momentos de urgência: como articulador e para fornecer

assistência. (FREYMOND, 2015)

Fato é que, em primeiro de julho de 1860, ocorria à primeira reunião do Conselho dos sindicatos de Londres; entre os nomes do pequeno grupo se encontrava: “Allen, representante dos mecânicos; Applegarth, representante dos carpinteiros; Odger, sapateiro; Guile, fundição de ferro; Coulson, maçom (FREYMOND, 2015, p.20,21)”. A formação do Conselho deste Comitê representa bem duas coisas: seu caráter misto e a representação de grandes sociedades nacionais. Os objetivos desses trabalhadores sindicalistas era a melhora na vida das classes trabalhadoras, por meio da negociação e por meio da luta por profissão (apesar disso se interessavam pelos vários problemas políticos). Durante o ano de 1862, já organizam-se ramos sindicais em prol do sufrágio universal; atraindo, para si, antigos cartistas. (FREYMOND, 2015)

Estando interessados também no que ocorria fora das fronteiras da Grã-Bretanha, os tradeunionistas simpatizaram com os vários movimentos, desde os revoltosos poloneses (luta de libertação nacional frente ao Império Russo), aos insurgentes italianos como Mazzini e Garibaldi, apoio aos soldados americanos da União, do norte, Contra os Confederados do Sul (em apoio ao fim da escravidão). Em grande medida, o desenvolvimento dos meios de comunicação – com o desenvolvimento dos barcos e dos trens à vapor as cartas cruzavam longas distâncias de modo muito mais rápido, além, é claro, de invenções como o telégrafo - está ligado a isso, pois possibilitou aos trabalhadores comuns terem acesso ao que ocorria com o mundo e, assim, podendo engajarem nas lutas distantes das suas cidades. (FREYMOND, 2015)

Aconteceu que, por ocasião da greve da construção civil de Londres, em 1861, os patrões, para derrotarem os grevistas, pretendiam trazer trabalhadores do continente Europeu. A greve não tinha por finalidade o aumento salarial, mas a diminuição da jornada de trabalho para nove horas. Os grevistas, atentos à manobra realizada pelos patrões, conseguiram o apoio dos trabalhadores do continente, conseguiram enviar vários pedidos aos seus contatos, organizações do continente. Estabelecida a solidariedade dos trabalhadores franceses e dos trabalhadores londrinos, esta conseguiu impor a vitória contra a burguesia. Esse gesto os marcou profundamente, possibilitando o começo de uma relação de solidariedade ativa entre as duas partes. (FREYMOND, 2015)

Nesse mesmo ano, a Associação Geral dos Trabalhadores Napolitanos, envia ao Conselho das *trade-Unions* de Londres um pedido de ajuda em prol da “unidade, da liberdade da Itália e para “organização do trabalho.” (FREYMOND, 2015, p.24) O pedido chega em janeiro, é respondido pelo secretário do Conselho, George Howell, da seguinte maneira:

Os trabalhadores ingleses, escreve seu autor, são solidários à luta de seus camaradas italianos pela liberdade e seus anseios pela liberação. Agradecemos os trabalhadores por sua carta e exprimimos a esperança de poder seguir com essa troca de correspondência. (FREYMOND, 2015, p.24)

Mas a carta ainda reflete o que é o sindicalismo inglês, preocupado, sobretudo com o problema social não com as disputas políticas. Diz, em certo trecho da carta:

temos grande liberdade civil e religiosa, porém nós somos privados de grande parte dos poderes políticos. Eis o porquê de nos concentrarmos na defesa de nossos direitos sociais e pela melhora da condição do trabalhador. (HOWELL in, FREYMOND, 2015, p.24)

Mais tarde, o próprio Howell atribui a essa relação, expressa nesses textos, o início da AIT, fato que Freymond considera um exagero no grau importância, além do que, para Freymond, Howell faz essa apologia de modo a dar a si mesmo um papel muito grande – por ser ele redator.

A relação do “sindicalismo” inglês com os trabalhadores e revolucionários italianos continuava; por ocasião da ida de alguns italianos, irem a Londres, visitar a Exposição Universal, fazendo com que ambos os lados procurassem se encontrar para troca de informações sobre os acontecimentos políticos. No final do ano de 1863, os sindicatos londrinos organizam uma grande recepção ao revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi. Este conclama a atenção dos sindicalistas, na ocasião dessa festa em sua homenagem, para que fiquem atentos com a Guerra de Secessão americana e sobre os problemas poloneses.

Assim, tanto a classe trabalhadora da Inglaterra, quanto a francesa, que haviam passado por processos distintos, possuíam muitos pontos análogos: Na França ,formou-se

Uma elite trabalhadora tenta assumir a direção [do movimento], contudo sofre muita influência das perspectivas burguesas. A crise de 1848 provoca uma ruptura. O Golpe de Estado de dezembro, impossibilita uma reconciliação [das classes]. Mas, Napoleão III, pensa que seria suficiente, para ganhar a simpatia das classes trabalhadoras, praticar uma política “anti-orleanista” e “anti-burguesa”, ou seja, exercendo um paternalismo – por isso comete um erro. O militante trabalhador não abandona suas convicções. Continua sua posição democrática e socialista. Restou ainda mais que essa tutela, sobre a qual, não é realmente compensada por um melhoramento sensível das condições de vida. O desenvolvimento mais marcado da economia francesa ocorreu durante o Império, não por uma alta sensível do salário real. Isso foi marcado, sobretudo, pela estagnação das condições materiais da classe dos trabalhadores. As exigências dos trabalhadores, são as solicitações mais numerosas na causa. Mas, na maior parte dos casos, não foi possível satisfazê-las. Quanto mais a riqueza crescia, mais ficava para uma minoria burguesa para poder

lucrar, assim o luxo se instalava mais abertamente e as cidades prosperavam, nisso as massas trabalhadoras ficavam mais próximas da miséria. (FREYMOND, 2015, p. 26-27)

A concentração de capital, por meio da nova modalidade de indústria moderna, fazia com que a burguesia tornou-se próspera, fazendo com que o salário dos trabalhadores fosse jogado no mais baixo nível que conseguissem – os trabalhadores, os famélicos da terra.

A partir desse momento, 1861-1863, já encontramos-nos no prelúdio da fundação da AIT. Nesse breve relato que fizemos, fica claro existência de um movimento histórico de longo prazo. Movimento que possibilitou que a classe dos trabalhadores pudesse produzir sua concepção enquanto classe autônoma, seu internacionalismo enquanto estratégia inevitável para possibilidade de uma vitória contra a burguesia. Portanto, a classe trabalhadora forjou-se, historicamente, de modo que pudemos traçar como a AIT está vinculada umbilicalmente com o tempo histórico ali existente.

CONSIDERAÇÕES

Tendo em vista a temática geral do trabalho, que é o estudo de “como surgiu o anarquismo” pode parecer solto ou descolado os assuntos abordados nesse capítulo. Porém, o surgimento do anarquismo, tal como foi extraído dos autores de referências estudados no primeiro capítulo apontam como o anarquismo possui um vínculo intrínseco com a realidade do século XIX na Europa.

Isso implica dizer que para uma compreensão da totalidade do conceito é necessário uma abordagem sobre qual era o modo de produção em que ele ocorreu, assim como as concepções ideológicas tanto das classes dominantes quanto das classes antagônicas, assim como se deu a construção histórica daquela classe que realizou a fundação do anarquismo.

Portanto, esse capítulo dois tem o papel de realizar a ambientação do anarquismo. Qual era, então, o momento em que o anarquismo surge?

O anarquismo surge no período de consolidação da economia política capitalista enquanto modo de produção hegemônico na Europa Ocidental, apesar de que, ainda naquele momento existiam vários resquícios das classes representantes do *ancién regime*. O período é o de consolidação da hegemonia burguesa, ou seja, da consolidação da sociedade civil burguesa e da construção do Estado Liberal. Período de ascensão do nacionalismo, do liberalismo.

A consolidação da hegemonia burguesa traz a construção do seu negativo interno.

Com o fim dos vínculos feudais, as classes subalternas, banhadas pelo direito liberal, são agora livres e sem posses. Os centros urbanos industriais têm uma população de trabalhadores numerosa e famélica. Esses, trabalhando na indústria produzem grande riqueza à burguesia, em troca de uma vida miserável. Essa contradição produz grandes revoltas e uma ideologia de oposição a burguesia: o socialismo.

O anarquismo, enquanto corrente do socialismo, surge também como parte de um debate interno dentro do socialismo. Portanto, surge vinculado a essa ideologia anti-burguesa.

A classe dos trabalhadores foi amadurecendo pouco a pouco sua concepção de uma classe, com interesses contrários aos interesses do Capital, e também vai consolidando pouco a pouco, a concepção de uma solidariedade de classe internacional. Todo o movimento aqui retratado produz a AIT.

E é dentro da AIT que se produz o anarquismo. Posto isso, agora iremos ao estudo da história da Associação Internacional dos Trabalhadores. Nosso objetivo é analisar a AIT pela obra de James Guillaume²¹, isso significa, que: estaremos partindo da visão de um militante da Internacional da Suíça de língua latina, e, o mais importante, de um dos expulsos na cisão, ou seja, a história dos que saíram por derrotados, traçando a história dos adversários de Marx por eles mesmos. Para pessoas fora do debate historiográfico, isso pode parecer coisa pouca, mas ao tomar esse objetivo estamos tomando a história daqueles que foram apagados dela. Além do fato de romper com a narrativa francesa, inglesa e alemã sobre a Associação. Nossa história será a contada pelos cantões suíços. Com o único intuito de entender: “como surgiu o anarquismo?”

REFERÊNCIAS

BAKUNIN, Mikhail. *De Baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica* Org. Andrey Cordeiro Ferreira e Tadeu Bernardes de Souza Toniatti. Rio de Janeiro, Ed. Alternativa, 2014.

BERTHIER, René. *Teoria política e método de análise de análise no pensamento de Bakunin*. São Paulo, ITHA, 2014, disponível em: <https://ithanarquista.wordpress.com/2014/11/27/rene-berthier-teoria-politica-e-metodo-de-analise-no-pensamento-de-bakunin-entrevista/> Acesso em 26/07/2015 às 19:00.

²¹. James Guillaume (1844 – 1916), escritor e militante da AIT, ajudou a propagar a Internacional na Suíça, assim como defendeu os posicionamentos coletivistas. Junto com Bakunin, teve um papel importante na manutenção da AIT após a cisão, até 1878. No início do século XX, escreve o livro sobre a AIT. (GUILLAUME, 2009). O livro de Guillaume sobre só teve sua primeira parte traduzida para o português por Plínio Augusto Coêlho, publicado pela Editora Imaginário e pela Editora Faísca, em 2009.

CORDENAÇÃO ANARQUISTA BRASILEIRA. CAB. Disponível em:
https://anarquismo.noblogs.org/?page_id=6 Acesso em 27/07/2015 às
17:00

CORRÊA, Felipe. *Bandeira Negra: Rediscutindo o Anarquismo*. São Paulo, Editora Prismas, 2015.

DEL ROIO, Marcos. *O império universal e seus antípodas: A ocidentalização do mundo*. São Paulo, Ícone, 1998.

DECCA, Edgar de. *1930 o silêncio dos vencidos*. Rio de Janeiro, Ed. Brasiliense 1988.

DECCA, Edgar de. *O nascimento das fábricas*. Rio de Janeiro, Ed. Brasiliense, 1995.

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Radicalisme*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F27156.php> Acesso em 26/07/2015 às 17:30

DUCLOS, Jacques. *La Première Internationale*. Paris, Éditions sociales, 1964.

ENGELS, Friederich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, PSTU, disponível em:
http://www.pstu.org.br/sites/default/files/biblioteca/engels_socialismo_utopico.pdf
Acesso em: 09/06/2015 às 06:09

ENCKELL, Marianne. *La Fédération Jurassienne: les origines de l'anarchisme em Suisse.Saint-Imier*: Entremonde, 2011.

FREYMOND, Jacques. Etude sur las formation de la Première Internationale, artigo disponível em : <http://dx.doi.org/10.5169/seals-77320> Acesso em 26/07/2015 às 17:00

FREYMOND, Jacques. *La Primera Internacional: Colección de documento, t.1*. Madrid, Editora Zero, 1973.

GILLIARD, Charles. *Histoire de la Suisse*. Paris, Press Universtaire de France, 1949.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, v.3*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, ed Civilização Brasileira, 1968.

GUILLAUME, James. *A Internacional: documentos e recordações, v.1*. São Paulo, Editora Imaginário, 2009.

GUILLAUME, James. *L'internationale: documents et souvenirs. Tome I*. Paris. Stock, éditeur, 1905.

HALÉVY, Élie. *Histoire du socialisme européen*. Paris, Gallimard, 1974. HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções: 1789 – 1848*. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

LOWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social*. São Paulo, Cortez, 1989.

MALON, Benoît. *A INTERNACIONAL sua história e seus princípios*. São Paulo, Editora Imaginário, 2014.

MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro, Ed. Brasiliense, 1970.

MAZZONI, Marcelo. *Alguns passos rumo ao anarquismo: as origens do anarquismo*. São Paulo, Colóquio Bakunin, disponível em: <https://coloquiobakuninait.wordpress.com/memorias/> Acesso em 03/03/2015 às 07:00

MICHEL, Louise. *La Commune*, Paris, Editions Stock, 1978. Disponível em : http://classiques.uqac.ca/classiques/michel_louise/la_commune/michel_la_commune.pdf Acesso em 26/07/2015 as 12:00.

MUSTO, Marcello. *Trabalhadores, uni-vos!* São Paulo, Boitempo editorial, 2014.

PROUDON, Pierre-Jouseph. *Do Princípio Federativo*. São Paulo, Ed. Imaginário, 2001.

RENTSCH, Hans. *Historia de Suiza*. Madrid, Oficina Grafica Madrileña, 1953.

SCHWITZGUÉBEL, Adhemar. *Quelques Écrits*. P-V. Stock, Paris, 1908. Disponível, em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2070056> Acesso em 26/07/2015 às 16:00.

TEIXEIRA, Aloísio. *Utópicos, heréticos e malditos*. São Paulo, Record, 2002.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa. Tomo 1*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1987.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões Sobre o Socialismo*. São Paulo, Ed. Unesp, 2010.

UNIÃO POPULAR ANARQUISTA. *Sobre Unipa*. Disponível em: <https://uniaoanarquista.wordpress.com/> Acesso 27/07/2015 às 17:00

WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo, Companhia das letras, 1986.